

La Lontananza Nostalgica Utopica Futura

Luigi Nono



GULBENKIAN
MÚSICA

25 + 26 out 24

25 out 24 SEXTA 18:00 / 21:00

26 out 24 SÁBADO 15:00 / 18:00 / 21:00

ESTÚDIO – CAM

André Gaio Pereira Violino
Ricardo Guerreiro Difusão sonora

Luigi Nono

La lontananza nostalgica utopica futura.

Madrigale per più "caminantes"

con *Gidon Kremer* [1988/89]

para violino e oito pistas de áudio

1. *Leggio I*
2. *Leggio II*
3. *Leggio III*
4. *Leggio IV*
5. *Leggio V*
6. *Leggio VI*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 45 min.
CONCERTO SEM INTERVALO

A obra ilustra a colaboração criativa estabelecida entre Luigi Nono e Gidon Kremer, após o primeiro encontro que tiveram, em 1987. Esta colaboração foi desenvolvida e materializada em conjunto, numa primeira fase, durante três dias de gravações realizadas no Estúdio Experimental da Rádio do Sudoeste, da Fundação Heinrich Strobel, em Friburgo. O material improvisado por Kremer permitira a Nono produzir, no final de junho de 1988, a parte eletrónica, com uma duração de cerca de uma hora, bem como escrever a parte do violino. A partitura, dedicada a Salvatore Sciarrino, “caminhante exemplar”, tem uma data de finalização (31/01/1989) posterior à data de estreia da obra (03/09/1988), o que reflete as várias revisões operadas até à versão atual. Os diferentes fragmentos que compõem esta partitura seriam depois utilizados pelo compositor na escrita da sua última obra, o duo de violinos “Hay que caminar soñando” (1989), composta integralmente por novas combinações do mesmo material. A arte da combinação era nesta fase muito cara ao compositor. Ao vivo, os músicos (violino e eletrónica) são chamados a decidir, a escolher. Nono adverte: “em alguma circunstância *La Lontananza* poderá ser tratada como um concerto para solista e acompanhamento”. O percurso do violinista é incerto, desenhado entre as estantes que apoiam as seis secções que estruturam a partitura e que estão espalhadas livremente pelo espaço. Incerto é também qual o som e quando sairá de cada um dos oito altifalantes. A construção de índole fragmentária deverá ser assumida pelos músicos e pela encenação do espaço em que atuam.

A escrita introduz continuamente sinais de suspensão, respiração e pausa. Os fragmentos são, ao vivo, colocados em interação tensional: choque, surpresa, confronto. Uma coexistência de diferentes possibilidades, de trilhos percorridos por diferentes presenças. Memórias representadas nas oito pistas de áudio como vozes de outros caminhantes. Vozes que espelham memórias, que se escutam como sinais circundantes, errantes, à solta. Nono relembra a frase de Scriabin: “o silêncio é também som”. São vozes de madrigais que se unem ao som acústico do violino *wanderer*. Que vozes se escutam é algo que resulta diferente a cada *performance*. As escolhas deverão ser tomadas “por afinidades eletivas”, segundo o próprio Nono. Infinitas possibilidades expressivas, próprias da tradição do género madrigal.

RICARDO GUERREIRO

André Gaio Pereira É um dos mais reconhecidos e versáteis violinistas portugueses da sua geração, tendo recebido o Prémio Maestro Silva Pereira – Jovem Músico do Ano 2017. Apresenta-se regularmente a solo com a Orquestra Gulbenkian, a Metropolitana de Lisboa ou a Filarmonia das Beiras. É convidado da London Symphony Orchestra e da English Chamber Orchestra e membro fundador e 1.º violino do Quarteto Tejo. É solista dos segundos violinos da Ópera Real Dinamarquesa. Após ter terminado o curso na Royal Academy of Music como melhor aluno, em 2016, tocou em digressão em vários países, incluindo China, Tailândia, Alemanha, Itália, Reino Unido, Áustria, França, Suíça e Rússia, tendo colaborado com músicos como L. Chilingirian, P. Vernikov, C. Poppen, os quartetos Doric e Ysaye, e maestros como V. Gergiev, B. Haitink, S. Bychkov ou M. Tilson Thomas. Além da atividade como músico clássico, expande os seus horizontes artísticos em diferentes iniciativas: é membro fundador do Guitolão Trio, um agrupamento em que a música tradicional se funde com o jazz e que em 2021 editou o álbum *Estação #60*; é o autor de *Paredes Meias*, um projeto de música de Carlos Paredes adaptada para violino solista; e também poeta, tendo publicado *Existência* em 2020.

Ricardo Guerreiro Nasceu em Lisboa em 1975. Desenvolve a sua atividade artística predominantemente no domínio da música eletroacústica, enquanto compositor, intérprete, improvisador ou assistente de informática musical. Interessa-se em particular pela composição e integração de som sintético generativo na expressão musical/sonora, quer na sua fixação com elementos provenientes de *field-recording* ou em *performance* no âmbito de formações instrumentais mais convencionais. Colaborou com diferentes músicos na composição de situações *performativas* de contexto diversificado, representadas em várias edições discográficas (editoras Crónica, Creative Sources e b-boim). Investigador no CESEM (Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, é doutorado em Ciência e Tecnologia das Artes, com especialização em Informática Musical / *Computer Music* (2015) pela Escola das Artes da Universidade Católica do Porto. Licenciou-se em Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa (2000), em Música Eletrónica (2004) pelo Conservatório di Musica Benedetto Marcello di Venezia, e em Ciências Musicais (2007) pela Universidade Nova de Lisboa.

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

GULBENKIAN.PT